

# José Craveirinha fez 63 anos

Dom. 2/6/85  
p.16



O poeta moçambicano José Craveirinha completou 63 anos no passado dia 28 de Maio. O facto custou-lhe uma homenagem surpresa de um grupo de amigos comandados por um outro poeta moçambicano, Calane da Silva.

Craveirinha teria de se haver sozinho com surpresa — que ele ora classificava de «emboscada», ora de «complot», ignorando completamente o que estavam para ali «a tramar» os amigos — não fosse a pronta intervenção da sua «escorta» (é assim que o poeta trata as crianças que vivem perto da sua casa e o conhecem) e outros vizinhos adultos que, num ápice, formaram um pequeno, mas festivo aglomerado.

Os amigos que visitaram «o grande poeta moçambicano», segundo Calane da Silva, queriam oferecer a sua presença como «prenda maior», numa homenagem estritamente singela a Craveirinha na passagem do seu 63.º aniversário natalício.

Sem quererem saber dos protestos iniciais do visitado — que até não estava em casa e só apareceu por acaso naquela hora, trajando uma indumentária notmal que contrastava com a roupa quase de gala de um dos visitantes — os amigos ofereceram algumas prendas modestas e improvisaram um pequeno recital de poemas do aniversariante.

Craveirinha, resignado e pro-

gressivamente emocionado, recebeu as prendas e, juntando-se à alegria dos visitantes do pequeno aglomerado em frente da sua casa, pôs-se a dar nomes às diferentes ofertas. Assim, a única garrafa de coca-cola que Calane da Silva guardou durante dois meses para oferecer ao

amigo naquela data, recebeu a classificação de «símbolo do Imperialismo».

Muito significativas, porém, foram as tangerinas oferecidas pelo doutor Óscar Monteiro que garantiu na altura que «elas vieram directamente de Inhambane», fazendo certamente alusão ao maravilhoso poema de Craveirinha «As saborosas tangerinas de Inhambane».

«Depois disto, uma pessoa já pode acabar» — murmurou Craveirinha, referindo-se à pequena homenagem e às ofertas que ele classificou, no conjunto, de «as maiores prendas».

Em certos momentos os visitantes obrigaram o poeta a conversar e a satisfazer algumas curiosidades — a emoção prendera as palavras na boca de Craveirinha — puxando por um «bate-papo» circunstancial. Assim, quando lhe perguntaram se desejaria de ser poeta se tivesse que nascer de novo, Craveirinha respondeu ao interlocutor que «tu sabes que há uma única opção, eu tenho uma única alternativa».

José Craveirinha, considerado um dos maiores poetas ainda vivos da Língua Portuguesa, detentor de várias galardoadas literárias internacionais e dono de uma obra amplamente conhecida em Moçambique e no mundo, onde os seus versos estão traduzidos em diversas línguas, nasceu a 28 de Maio de 1922, no Bairro da Mafalala, em Maputo. ■



## Joe Louis, campeão

Primeiro o jornal Notícias saiu contente e disse: — Mas Schmelling bateu o negro Joe Louis e já não tem adversário. Um gong maldito ressoou no meu coração e estendeu-me no centro das tristes lonas do ringue humilhante eu pobre Joe groggy de luvras no chão palavra d'honra eu groggy de lágrimas groggy de amargura groggy de fei.

Mais tarde o jornal Notícias tristemente teve que dizer: — Joe Louis na desforra pôs Max Schmelling K.O. no 1.º round. E então das lonas de tristeza como um gato a saltitar dançarino de samba a sambar o Max Schmelling nas ruas de Berlim O queixo de Max Schmelling todos os queixos dos capatazes meu felino jogo de pés fintando um milhão de gestapos meu terrível corpo-a-corpo desnordeando os reórbiteros do Times meus punhos mil marretas certeiras nas fuças dos Informadores eu incansável a moer milho seco no pilão até ouvir desmoronar a soco o Reichstag nos maxilares do Max Schmelling em chamas.

Mais depois da confissão do jornal Notícias a anunciar como foi a desforra do mecânico Joe Louis, campeão encostando às cordas e cidadão nazi Max Schmelling comecei a pensar no boxe muito a sério e quando o Peida-Corda me deu as suas rasteiras do costume no futebol sai do canto como um leão desenhado com todos os gongs do mundo a dar-me sinal fix a melhor pose do campeão Joe Louis os punhos levantados como martelos o pé esquerdo à frente o pé direito mais atrás o queixo bem encaixado no ombro a cabeça encolhida como na foto da página desportiva e então agarrei na esquerda do Joe Louis e dei-lhe no fígado agarrei na direita do Joe Louis e mandei-lhe na testa apliquei uma finta e encostei o Peiga-Gorda ao canto vermelho do meu desespero e meti-lhe duas na boca do estômago e saltitando à sua frente na ponta dos pés martelei-lhe com força os flancos dos pés martelei-lhe com força os flancos S.S. bombardeei-lhe a cabeça com dois directos abatei-lhe com um jab da esquerda três costelas em cheio e arrumei na areia o problema.

E agora é assim mesmo quando outro Peida-Gorda qualquer me dá encladas vou buscar o Joe Louis e não discuto: — Arreio! E se algum te chatear também faz do Joe Louis a tua força não sejas um panhonha bombo de festa dos Peida-Gordas Abusadores chama logo o «upercut» do nosso amigo Joe Louis e dá-lhes! Chama logo um rápido «swing» do nosso amigo Joe Louis e manda-lhes! Quanto ao significado vais senti-lo nos urros da multidão e nos muitos EUS que vão lendo as notícias dos jornais sendo o braço do campeão Joe Louis levantado no ringue os fotógrafos a tirar as fotografias e o adversário ao comprido no tapete sem sequer ouvir o sinal do gong.

Uma coisa: A desforra do nosso Joe Louis no Max Schmelling ainda saiu no jornal Notícias mas quanto ao resto nada!

O resto não saiu aqui na cidade em nenhum jornal só o Brado Africano é que está a dizer. Portanto guarda bem guardado este Brado e treina bem este esquema!

1952

(Cortada pela censura em 1954)